

## MEMÓRIAS DE NORDESTINOS EM DOURADOS: REFAZENDO TRAJETÓRIAS

Marina de Souza Santos- FAP

Os sujeitos sociais os quais entrevistei, que moravam no campo, o deixaram e foram para cidade de Dourados-MS. Muitos disseram que fizeram esta mudança para que os filhos tivessem oportunidade de estudar, porém outros motivos contribuíram para que eles tomassem a decisão de mudar para a cidade, dentre os motivos, pode-se destacar a mecanização da agricultura e o início da produção de soja, trigo e milho em grande escala. Isso aconteceu em função da chegada de fazendeiros que adquiriam uma maior quantidade de terra, que na década de setenta com a chegada desses investidores, passa a ter um valor maior.

O Sr. João<sup>1</sup> em suas narrativas, deixa transparecer uma tristeza em relação à situação que estava o campo, quando fala das dificuldades em se produzir na terra:

*O que vai em riba da propriedade tá muito caro, é problema de máquina, é adubo, é calcário, é semente muito cara, colheita é tudo feito por máquina né, então não tem, não tá sobrando nada pro trabalhado...você tem que desembolsá dinheiro do bolso pra cobrir despesa da lavoura... e eu falei bom eu como já sou analfabeto o meu pai não me deu estudo as minhas forças tá se acabando recurso eu tô vendo que não vou conseguir aqui no campo eu vou dá estudo pra minha família e foi o que eu fiz.*

Explica em seu relato as mudanças que estavam ocorrendo no campo naquele momento. Essas mudanças dizem respeito à falta de recursos das pessoas para se manterem no campo devido aos altos custos. Ele não poderia mais manter a sua propriedade sem as máquinas e os adubos, pois a concorrência com os fazendeiros que chegavam na década de setenta era difícil. As suas práticas de lidar com a terra e fazer tudo manualmente e com a mão-de-obra praticamente familiar, sem necessidade de empregados, não poderiam mais ser sustentadas, portanto, a opção que lhe pareceu viável foi a de mudar para cidade.

Percebe-se que o trabalhador do campo só teria condições de manter-se como pequeno produtor independente, se tivesse condições de obter na produção e na venda do

excedente o mínimo necessário para a sobrevivência familiar, o que parecia não estar mais acontecendo.

Nos enredos analisados, morar, estudar e trabalhar, são questões que reaparecem em suas memórias de forma simultânea, porque foram situações experienciadas por eles na cidade.

Os entrevistados deixam evidente em seus relatos que deixaram o campo para propiciar a oportunidade dos filhos estudarem na cidade, mesmo aqueles que diziam que o campo não oferecia mais condições para sobrevivência familiar, como é o caso do Sr. João, ao relatar a sua mudança para cidade, ressalta a importância de possibilitar a oportunidade para os filhos estudarem, ele disse:

*Naquele tempo não tinha estudo no campo né, tinha aquelas escolinha muito pequena os professor, o ensinamento não desenvolvia né, e eu falei bom eu como já sou analfabeto o meu pai não me deu estudo as minhas forças tá se acabando recurso eu tô vendo que não vou conseguir aqui no campo eu vou dar estudo pra minha família e foi o que eu fiz eu acho que eu acertei porque tá tudo empregado, i uns tira oitocentos, outros tira novecentos, outros tira mil né, então tá tocando a vida.*

Essa fala evidencia a preocupação do Sr. João em proporcionar aos filhos uma educação de melhor qualidade daquela existente no campo. Este foi um dos motivos que foram apresentados pelo Sr. João para procurar a cidade. A satisfação em ter oportunizado o estudo aos filhos é exaltada entre os entrevistados cujos filhos cursaram uma faculdade. Eles fazem questão de ressaltar esse fato, e, orgulham-se disso. No caso do Sr. João, por exemplo, ele teve apenas dois filhos, uma família pequena se comparada a dos demais entrevistados que tiveram de seis a dez filhos.

Hoje, os filhos estão trabalhando e têm um bom salário, o Sr. João atribui isso ao fato de ter esforçado para se transferir para a cidade, por isso ele disse: “*eu acho que acertei porque tá tudo empregado*”. O Sr. João percebeu que o campo não seria mais viável para manter a sua família devido as mudanças. Então, procurou a cidade para que os filhos pudessem estudar e trabalhar. Criou-se assim uma outra expectativa de vida para os filhos.

Ele está constantemente voltando ao passado para se referir ao presente e à perspectiva de futuro. Isso ocorre quando fala dos empregos que teve, o que faz hoje e o que pretende fazer ao longo de sua vida. Esta dimensão da vida só pode ser percebida através da história oral, porque os sujeitos ao narrarem, vão constituindo em seus enredos o acontecido, as suas expectativas e o que poderá acontecer.

Ao se referir aos trabalhos desenvolvidos por ele na cidade o Sr. João afirma:

*Eu trabalhei de montador de móveis, como eles não valorizaram o meu trabalho eu pedi a demissão, daí entrei em outra loja, móveis trivelato, trabalhei quatro anos, aí quando eu fui pode, como se diz, dar um pouco de educação para minha família né.*

Em seu relato pode-se destacar dois momentos importantes, o fato de ter um emprego que valorizasse o seu trabalho e, conseqüentemente, possibilitar o estudo dos filhos. Essa preocupação justifica-se porque ele mudou para a cidade para os filhos estudarem. Para que isso fosse possível, ele teria que ter um emprego que garantisse um bom salário que possibilitasse a ele manter os filhos na escola. Em função disso, procurou não ser “explorado”. O fato de possibilitar o estudo dos filhos é motivo de orgulho para o Sr. João:

*Aqui eu estudei os meus filho né e tão trabalhando né, e uma é professora o outro está se formando farmacêutico né, e eu tô aqui acabando de tirar o meu tempo... estou contente, porque já cheguei a idade que tô né graças a Deus sou bem realizado porque se eu criei dois filhos nunca passou necessidade estudei né, então tô realizado, agora como se diz eles tem que fazer a parte deles que a minha eu já fiz.*

Essa fala evidencia uma expectativa dele do passado. “*Eu estudei os meus filhos*”. Esse era o seu desejo, ele queria dar aos filhos condições de estudar e, então, como conseguiu realizar esse sonho expressa uma satisfação no presente; “*graças a Deus sou bem realizado*”. O Sr. João sente-se realizado porque os filhos não passaram por necessidade e puderam estudar. Na seqüência de sua fala, ele apresenta uma projeção de futuro; “*agora como se diz eles têm que fazer a parte deles que a minha eu já fiz*”. Isso significa que ele havia cumprido a missão, em dar oportunidade de estudo aos filhos e, agora, os filhos deveriam seguir seu próprio caminho.

Os sujeitos sociais com os quais dialoguei fazem parte de uma geração que viveu no campo e alguns não tiveram oportunidade de acesso à escola. Essa geração começou a trabalhar muito jovem no campo, porque ajudavam os pais, por isso, não tiveram a oportunidade de estudar. No presente, tentam proporcionar aos filhos a realização de um sonho que não puderam concretizar no passado. Todos esses sujeitos preocupam-se com a educação dos filhos. Inclusive, para eles, o estudo propicia uma ascensão social e a oportunidade de “vencer na vida”. Percebe-se que os valores criados por eles no presente têm origem na vida passada e, agora, tentam, projetar por meio dos filhos, as expectativas e sonhos do passado, percebem que no mundo atual, os filhos terão poucas oportunidades de trabalho se não estudarem.

É evidente que possibilitar estudo aos filhos não foi o único motivo que os fizeram procurar a cidade. Eles tiveram as suas decepções com o campo, tiveram problemas de saúde, dentre outros, que os levaram à cidade. No entanto, evidenciam sempre a opção de proporcionar estudo aos filhos. Enfatizam, em suas falas, que acertaram na escolha e que os filhos estão formados e trabalhando, isso ficou evidente na fala do Sr. João.

Alguns resistiram à idéia de ir para cidade, como o esposo de Dona Maria Gomes.<sup>2</sup> Eles deixaram o campo no ano de 1972 e vieram para cidade por insistência dela:

*Ah, aqui foi muito ruim pra ele, ele ficou um pouco tocando roça lá e viu que não dava arrendô o sítio e veio pra cá e tinha um amigo nosso que era lá do sítio também, que morava ali na Oliveira Marques (rua da cidade) que era pedreiro daí convidou ele pra trabalhar e ele começou trabalhando com esse amigo, ainda foi pra fazenda, fazenda Mate Laranjeira construí pra lá né e lá ele aprendeu com esse amigo né e depois ele trabalhava construí também, até essa nossa casa (aponta para casa) era só dali pra trás essa cozinha de alvenaria já foi ele que fez né, então ele trabalhava de pedreiro parou depois que deu esse derrame.*

O marido de Dona Maria Gomes estava acostumado com o serviço no campo, não sabia desenvolver outra atividade na cidade. Por isso, a esposa veio para cidade com os filhos e ele continuou no sítio por um tempo. Depois, arrendou o sítio e seguiu a esposa. Na sua fala ela enfatiza: “e viu que não dava arrendô o sítio e veio pra cá”. Pode-se atribuir a esta frase o mesmo significado da fala do Sr. João quando ele veio para a cidade, porque o

trabalho no campo estava inviável. Em função disso, a única opção encontrada por eles foi mudar para a cidade e conseguir outro trabalho.

Na cidade, o marido de Dona Maria Gomes, como tantos outros, teve que aprender um novo serviço, já que só sabia realizar o trabalho do campo. Ele começou a nova vida na cidade com a ajuda de um amigo que era pedreiro e ensinou-lhe o serviço. As relações de amizade estabelecidas no campo os acompanham quando mudam para a cidade, porque eles continuam a se ajudarem mutuamente. Eles fazem questão de ressaltar, em suas falas, que apesar de não saberem trabalhar nos ofícios da cidade, eles logo aprendem e em pouco tempo já estão fazendo todo o serviço de construção, foi o caso do esposo de Dona Maria Gomes. Ela afirma que ele construiu a casa deles.

Na fala de Dona Maria Gomes é possível analisar como eles conseguiram sobreviver na cidade, sendo que ela também enfatiza a importância de possibilitar o estudo aos filhos:

*...aí eu vim com as crianças pra eles estudar que aqui era pertinho do Menodora (escola da cidade) ali né, e eu trabalhava numa escolinha lá (no campo) dei aula doze anos numa escolinha daí arrumei pra trabalhar aqui na secretária trabalhei treze anos e me aposentei, e os filhos foram estudar porque eu pensava eu não tenho, eu lecionei porque como diz em terra de cego quem tem um olho é rei né, eu cheguei e falaram pra eu lecionar, eu falei: Como gente eu não sei de nada eu tinha o terceiro ano primário como que eu ia lecionar, mas não tinha ninguém, daí pediram nomeação e veio, veio nomeação pra mim daí eu tive que assumir com muita vergonha com muita dificuldade porque eu não tinha preparo nenhum pra lecionar mais como as crianças tudo analfabeto aprendendo a ler e escrever já era muita coisa né.*

Na sua fala, ela evidencia que a casa era pertinho da escola. O local escolhido para morar também estava relacionado as suas expectativas que eram de trabalhar e colocar os filhos para estudar naquela escola. A questão da moradia é muito enfatizado nas falas dos sujeitos entrevistados.

A escolinha que Dona Maria Gomes refere-se é a que ela trabalhava quando morava no sítio. Depois que veio para cidade, passou a trabalhar na secretaria de uma escola do Estado onde se aposentou. Na seqüência do seu relato, continua a falar da importância de sua mudança para a cidade e proporcionar aos filhos a oportunidade de estudar. Ela afirma que, hoje, como tantos outros, sente-se orgulhosa de ver os filhos formados:

*Depois que eu quis que as filhas estudasse, porque eu pensava o que que eu tenho eu não tenho nada pra dá pra elas o que eu tenho pra dar é o estudo, se eu não tive sorte de estudar pelo menos as filhas estudar né e graças a Deus essa é a alegria que eu tenho, você vê têm três que trabalham lá no CEUD (Universidade Federal da cidade) tem esse que formou-se em farmácia, farmacêutico né, tem outro que trabalha em São Paulo, essa que teve aqui fez o segundo grau, a outra mais nova tem o segundo grau todas elas fizeram o segundo grau.*

A importância dada por esses sujeitos em relação ao fato de terem oportunizado aos filhos a possibilidade de estudar, fica evidente em todas as falas. Dona Maria Gomes explica bem o porquê disso, porque ela não teve oportunidades de estudar, então queria que os filhos estudassem. Isso é uma constante nas falas, eles tentam por meio dos estudos, propiciar aos filhos a oportunidade de realizar alguns sonhos que não tiveram a oportunidade de realizar como a oportunidade de estudar. O estudo é visto por eles como um meio de conseguir ascensão social.

Tanto Dona Maria Gomes como o Sr. João ao mudarem para cidade depositaram as suas expectativas nos filhos, na possibilidade de que eles, por meio dos estudos, tivessem condições de aspirar uma vida melhor.

O Sr. José Barbosa<sup>3</sup> também afirma que mudou para a cidade para os filhos estudarem, conta ele: *“Eu vim por causa das crianças né, lá o estudo era bem fraco naquele tempo, o mais velho já tinha uns onze anos, daí vim pra cá”*. Naquele tempo, o qual Sr. José refere-se é o ano de 1977, quando ele veio para cidade. A sua fala assemelha-se a do Sr. João, quando afirma que o estudo no campo era fraco, a sua preocupação é que os filhos estavam crescendo e precisavam estudar. Fica evidente também a preocupação com o emprego. Quando lhe pergunto do que ele trabalhava na cidade ele conta:

*É de carpinteiro, pedreiro, fazia tudo, pegava a casa e deixava pronta, de tudo eu fazia menos pintura, mais o resto, eu fazia. Daí depois os menino foram crescendo eles trabalhava, no começo eles trabalhava comigo né, depois eles pegaram serviço no escritório.*

Nesta parte da entrevista, o Sr. José Barbosa passa a contar como foi arrumando serviço para os filhos, um trabalhou no escritório e depois no banco, três deles fizeram contabilidade e, hoje, dois têm escritórios na cidade. Em função disso, como os outros

sujeitos que foram entrevistados, orgulha-se de poder ter proporcionado aos filhos meios para que estudassem e isso proporcionou a eles crescimento profissional na cidade. Ter uma família numerosa no campo, poderia significar uma ajuda de mão-de-obra na lavoura, já na cidade, com os trabalhos os filhos poderiam contribuir para ajudar no orçamento da casa. O Sr. José Barbosa, em suas narrativas, conta que ao mudar para cidade os meninos começaram logo a trabalhar com ele. No início, ajudavam na construção civil, depois, estudaram e arrumaram outros empregos com melhor remuneração.

Tanto ele, como os outros que se dirigiram para cidade em busca de melhores condições de vida não sabiam em que trabalhar e nem como trabalhar. Alguns foram para construção civil e os seus relatos possibilita acompanhar o aprendizado deles na cidade. Eles começavam fazer serviço de pedreiro, carpinteiro e por fim já eram capazes de construir uma casa, o único trabalho que alguns não realizavam era a pintura.

Vencer na cidade, para muitos dos entrevistados, significa ter arrumado um emprego, comprado uma casa, estudado os filhos e vê-los empregados e isso os fazem sentirem realizados. Essa melhora de condições de vida não parecia fazer parte do horizonte dessas pessoas no campo, porque o trabalho no campo passava por mudanças que eles não podiam acompanhar e, lá, os filhos não poderiam ter acesso a uma educação de melhor qualidade e a empregos que ajudassem na renda familiar.

A busca do emprego associada à moradia e a oportunidade de propiciarem aos filhos estudo, aparece referenciada na fala do Sr. José Alves.<sup>4</sup> Ele morava em um sítio em uma cidade chamada Ivinhema, próxima a Dourados, mas teve problemas na coluna e com intoxicação por causa dos venenos usados na lavoura, então vendeu o sítio e foi para cidade de Dourados, em 1977: *“Aí comecei a cortar cabelo em 77, aí graças a Deus tinha colégio perto, matriculei meus filhos, eles todos começaram a estudar e eu trabalhando de barbeiro”*.

É significativo na sua fala enfatizar que ao mudar para cidade tinha colégio perto de casa, ao escolher a casa para comprar disse ter procurado uma que ficasse perto da escola onde os filhos poderiam estudar. No entanto, nessa escola, só tinha o primeiro grau (Ensino

Fundamental) e depois que os filhos foram para o segundo grau (Ensino Médio), tiveram que se deslocar para escolas longe de casa.

O Sr. José Alves, ao falar das mudanças ocorridas na cidade, também remete-se a sua expectativa e à realização em estar na cidade. Ele relata o seguinte:

*Quem diria que Dourados ia ficar do jeito que tá, eu acertei, graças a Deus, e não me arrependo de ter vindo pra aqui, porque o que eu trouxe do sítio, o meu começo foi a lavoura, o café principalmente, mais o que eu trouxe eu empreguei aqui em Dourados, e graças a Deus acertei, acertei mesmo, porque se eu tivesse no sítio, não tinha condições de ter formado os meus filhos, como é que eu ia formar os meus filhos trabalhando?*

Fica evidente na fala do Sr. José Alves como na fala de outros entrevistados, a importância em dar oportunidade para os filhos estudarem. Se estivesse no sítio os filhos não poderiam estudar, pois lá, não existiam escolas e ele não teria condições de mandar os filhos para estudar fora, com a renda do seu trabalho. Por isso, disse que acertou em mudar para cidade.

Ao narrarem as histórias de suas vidas no presente, vêm à memória desses sujeitos algum sofrimento passado, mas há uma ênfase maior em seus relatos das vitórias, essas vitórias são enfatizadas quando dizem que têm casa para morar, que puderam propiciar estudo aos filhos e que esses filhos estão trabalhando e realizados.

Como dialogo com esses sujeitos no presente, os sonhos já foram concretizados em suas vidas. Dessa forma, procuram por meio de suas memórias relembrar muito mais das vitórias e quando referem-se ao sofrimento é para dizer que, apesar desse sofrimento, hoje, são vencedores.

---

<sup>1</sup> João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada no dia 16/10/2002.

<sup>2</sup> Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

<sup>3</sup> José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09-05-2002.

<sup>4</sup> José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07-08-2002